

Em nome da raça: a propaganda eugênica e as idéias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920¹

Vanderlei Sebastião de Souza²

1. Introdução

Renato Kehl não é um autor totalmente desconhecido na história intelectual brasileira. Referências aos seus trabalhos aparecem com frequência na historiografia nacional, especialmente nas discussões sobre raça, imigração, controle matrimonial, higiene mental e eugenia. Entre as décadas de 1910 a 1940, este personagem assumiu a propaganda eugênica como uma missão política e intelectual, o que lhe rendeu o título de “pai da eugenia no Brasil”, conforme se referia o escritor Monteiro Lobato.³ Ao longo deste período, Renato Kehl

¹ Este artigo foi preparado a partir de minha dissertação de mestrado: SOUZA, Vanderlei S. de. *A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Mestrado em História, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006. Vale destacar que tratarei neste trabalho apenas da trajetória de Renato Kehl durante os anos 1910 e 1920, tendo em vista que a partir do final dos anos 1920 e ao longo dos anos 1930, conforme procurei destacar em minha pesquisa de mestrado, um processo de ruptura marcaria uma nova fase no pensamento deste autor, o que o aproximaria dos conceitos mais “duros” oriundos da “eugenia negativa” alemã e norte-americana.

² Doutorando em História das Ciências pela Casa de Oswaldo Cruz (COC-FIOCRUZ), sob a orientação do professor Dr. Robert Wegner.

³ Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, s/d (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC). Destaco que boa parte desta pesquisa foi realizada a partir da documentação disponível no Fundo Pessoal Renato Kehl, um arquivo privado que está sendo organizado pelo Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC-FIOCRUZ), localizado na cidade do Rio de Janeiro.

publicou mais de duas dezenas de livros diretamente relacionados à eugenia, além de inúmeros artigos e entrevistas editadas através da imprensa e em revistas especializadas, tanto no Brasil quanto no exterior. Foi editor de revistas e periódicos nacionais, entre eles o *Boletim de Eugenia*, que circulou no período entre 1929 a 1933. Em 1918, com a colaboração do médico Arnaldo Vieira de Carvalho e de um grande número de intelectuais paulistas, fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo e, em 1931, a Comissão Central Brasileira de Eugenia.

Este artigo, portanto, é um esforço para apreender a trajetória deste intelectual, sobretudo entre 1917 a 1927, período em que atuou na divulgação da eugenia e da educação higiênica, tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina. Em primeiro lugar, analiso, aqui, a rede de relações intelectuais e institucionais estabelecidas por Renato Kehl como meio de divulgar e consolidar as idéias eugênicas e, ao mesmo tempo, de definir o seu espaço de autoridade neste campo. Assim, é importante considerar as estratégias acionadas por este autor como forma de estabelecer uma estreita identidade entre o seu nome e a eugenia, o que lhe garantiria reconhecimento e prestígio entre seus pares e as autoridades públicas. Num segundo momento, trato da associação das idéias eugênicas com a medicina social, destacando a proximidade deste autor em relação a um modelo de eugenia mais “suave”, ao estilo da “eugenia preventiva”. Procuro demonstrar que, a despeito das posições radicais assumidas por este eugenista a partir do final dos anos 1920, seu projeto inicial estava intimamente associado ao paradigma eugênico latino-americano, muito mais preocupado com os problemas ligados à saúde pública, ao saneamento e à educação higiênica e sexual, do que propriamente com as questões biológicas, com o racismo científico ou com as medidas relacionadas à “eugenia negativa”.

2. Um discípulo de Francis Galton

Renato Ferraz Kehl (1889-1974) viveu toda a sua infância e parte da juventude na pequena cidade de Limeira, interior do estado de São Paulo, onde completou seus primeiros anos de educação escolar. Filho de Joaquim Maynert Kehl, farmacêutico e empresário do ramo, e de Rita Cássia Ferraz Kehl, foi educado numa família de formação católica, cujos valores sociais definiram-se, em grande medida, pelo seu pertencimento a emergente classe média paulista daquele período. Seguindo a carreira do pai, graduou-se em Farmácia, pela antiga Faculdade de Farmácia de São Paulo, em 1909⁴. Não obstante, apesar do prestígio profissional e social que a carreira farmacêutica ostentava no início do século XX, Kehl decidiu mudar-se para a Capital Federal, em 1910, com o objetivo de estudar medicina na tradicional Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesta cidade, entrou em contato com as idéias e discussões que nas primeiras décadas do século XX moldavam o pensamento social e científico brasileiros. Conheceu e se relacionou com intelectuais como Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Miguel Pereira, Miguel Couto, Eduardo Rabelo, Agostinho de Souza Lima, entre outros que exerceriam grande influência não somente em sua vida intelectual como em suas futuras atividades profissionais.

Durante os seis anos em que permaneceu na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Renato Kehl travou contato com as obras e as idéias de cientistas como Lamarck, Darwin, Spencer, Broca, Lapouge, Agassiz, Dechambre, Galton e Weismann. De maneira geral, estes autores foram influências importantes não apenas na trajetória de Renato Kehl como no próprio pensamento brasileiro daquele período. O estreito contato com as diferentes concepções extraídas destes autores teria despertado seu interesse pelo debate

⁴ MELO, Luis Correia. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli, 1954; "Dados biográficos do Dr. Renato Ferraz Kehl". *Revista Terapêutica*. Rio de Janeiro, n° 4, 1959 (recorte avulso - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

sobre raça, evolução, degeneração, hereditariedade e, principalmente, pelas idéias eugênicas.

Dentre estes autores, o cientista britânico Francis Galton, o fundador da “ciência eugênica”, foi quem exerceu maior fascínio sobre as idéias do jovem aluno de medicina. Em homenagem a esse cientista, considerado por ele como um “verdadeiro humanista”, Renato Kehl escreveu vários artigos, memórias, notas e comentários biográficos exaltando a vida pessoal e intelectual deste personagem. Em seu ponto de vista, a “inteligência rara” e o “idealismo construtor” de Francis Galton tinham origens na própria formação hereditária de sua família. Bisneto de Erasmo Darwin e primo de Charles Darwin, Kehl acreditava que a “ilustre estirpe” da qual Galton tinha nascido não o permitiu fugir “dos bons desígnios que o fizeram o patrono de uma das mais belas estirpes destes últimos séculos”. Renato Kehl destacava que o “grande pai da eugenia” era “um tipo perfeito e equilibrado de homem: fisicamente, robusto; psiquicamente, um superior; moralmente, um tipo exemplar”, o que teria possibilitado que suas obras se destacassem no cenário científico mundial.⁵

O primeiro trabalho de Renato Kehl sobre eugenia veio a lume em 1917, quando pronunciou uma conferência, realizada na cidade de São Paulo, intitulada “Eugenia”⁶. Sua preocupação neste trabalho consistiu em apresentar ao público as principais questões que envolviam, em sua concepção, o conhecimento eugênico. Além disso, procurou ressaltar a importância de se estudar a eugenia num momento em que as idéias nacionalistas encontravam-se em pleno desenvolvimento no Brasil, em que se “despertam as forças regeneradoras” em defesa da nacionalidade.⁷ Kehl

⁵ KEHL, Renato. “Galton: sábio construtor”. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 7 fev. 1930 (recorte avulso - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

⁶ Está conferência foi reproduzida na íntegra em KEHL, Renato. “Conferência de propaganda eugênica”. In: *Annaes de Eugenia*. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919 [1917].

⁷ *Ibidem*, p. 67.

entendia que havia chegado a hora dos intelectuais e das autoridades brasileiras ocuparem a sua atenção com as idéias eugênicas propostas por Galton desde o final do século XIX. Assim como os eugenistas norte-americanos já faziam em relação à sua população, destacava ele, seria preciso fazer também no Brasil, “estudando as condições mais favoráveis para o levantamento da raça humana e fixando as regras para as boas reproduções”.⁸ Neste sentido, Kehl entendia que a campanha eugênica deveria ser uma das preocupações máximas da imprensa nacional:

Cumpram-se fazer ecoar por este grandioso Brasil as vozes que na Europa e América já foram ouvidas; cumpram-se, como disse Roosevelt, ‘dar combate ao assassinato da raça’. Saneiem-se os focos epidêmicos, debelem-se as endemias que assolam a nossa pátria de norte a sul, façamos repercutir as idéias eugênicas de Galton, multipliquem-se os cultores da ciência do bem geral, dessa grandiosa edificação protetora das raças do futuro. Sirva-nos de incentivo a propaganda eugênica dos Estados Unidos, façamos conhecidos os trabalhos dos ilustres cientistas alemães, Plotz e Gruber; elevemos os méritos da eugenia; pratiquemos as suas regras para o revigoramento da população brasileira. (...) Prossigamos, pois, na cruzada encetada, divulguemos os princípios eugênicos, e os veremos triunfar.⁹

Essa conferência recebeu, inclusive, uma publicação na íntegra através das páginas do *Jornal do Comércio*, sendo bem recebida entre seus leitores. O artigo teria empolgado até mesmo o escritor Monteiro Lobato - um dos principais intelectuais brasileiros da época e um entusiasta do movimento sanitarista - que, ao lê-lo, escreveu a Renato Kehl dizendo sentir-se “envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o teu, untado para tão nobres ideais e servido, na expressão do pensamento, para um estilo verdadeiramente ‘eugênico’ pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular”.¹⁰

⁸ Ibidem, p. 68.

⁹ Ibidem, p. 78-79.

¹⁰ Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, 6 abr. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Conforme ressaltava o próprio Renato Kehl, essa conferência o teria mobilizado no sentido de iniciar a divulgação da eugenia no Brasil.¹¹ Seu interesse em transformar os pressupostos eugênicos conhecidos e familiarizados, sobretudo entre os intelectuais, começava objetivamente a ganhar consistência no final dos anos 1910. Em sua compreensão, a inserção da eugenia nos debates científicos, políticos e institucionais brasileiros, dependeria, acima de tudo, do sucesso da propaganda eugênica e da adesão de um bom número de jornalistas, literatos, juristas, médicos, políticos, das elites e do “público letrado”.

3. “Cremos na vitória da eugenia”

No final dos anos 1910, devido à apreensão social causada pelas grandes epidemias e pelas péssimas condições sanitárias, o governo do Estado de São Paulo passou a investir na implantação de serviços higiênicos e sanitários. Sob o comando do cientista Artur Neiva - nomeado a partir de 1917 para dirigir os serviços sanitários do Estado - as políticas de saúde pública entraram numa “era” de grandes reformas.¹² As concepções científicas oriundas do campo médico, bem como as reformas propostas pelos sanitaristas, passaram a ser apropriadas como um mecanismo político que poderia estabelecer ordem ao mundo de caos imposto pelas péssimas condições higiênicas e pelas inúmeras doenças que ameaçavam a sociedade como um todo. O poder da ciência médica, que já vinha se estabelecendo no cenário nacional a partir dos estudos científicos sobre bacteriologia e medicina tropical, passou a ser assimilada como uma ferramenta civilizadora e salvacionista¹³.

¹¹ KEHL, Renato. “A eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico”. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 53.

¹² HOCHMAN, Gilberto. *A era do Saneamento: as bases das políticas de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998, pp. 209-241.

¹³ Sobre a importância do movimento sanitarista e da medicina no processo de (re)construção do imaginário acerca dos problemas que

Nas primeiras décadas do século XX, portanto, já existia todo um ambiente intelectual favorável para que as idéias eugênicas pudessem ser inseridas com sucesso entre o “público letrado” e as autoridades políticas da capital paulista. Neste sentido, quando do seu retorno ao Estado de São Paulo, logo após a conclusão do curso de medicina, Renato Kehl iniciou uma ampla campanha de divulgação dos pressupostos eugênicos, acreditando que a “hora da eugenia” havia chegado. Seu empenho e entusiasmo pessoal conseguiram mobilizar a classe médica local, que, já familiarizada com as idéias científicas ligadas saúde pública e tomada pelo otimismo nacionalistas do pós-guerra, visualizava nas propostas eugênicas um símbolo de modernidade cultural e uma importante aliada no processo de reforma social e de construção de uma nova nacionalidade.

Em dezembro de 1917, com o objetivo de discutir o código matrimonial civil brasileiro, à luz das concepções eugênicas, Renato Kehl convocou, juntamente com Arnaldo Viera de Carvalho, um grupo de médicos da capital paulista para se reunirem no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia. Ao final desta reunião, devido às calorosas discussões e a receptividade que as idéias eugênicas vinham recebendo entre estes intelectuais, o jovem eugenista acreditava ser possível a fundação de uma sociedade eugênica voltada para as discussões sobre higiene, hereditariedade e saúde racial.¹⁴

Um mês depois, Kehl remeteu uma “carta circular” a dezenas de médicos e autoridades públicas, convidando-os a comparecer na Sociedade de Medicina e Cirurgia com o objetivo de tratar da fundação de uma sociedade eugênica. Nesta correspondência, Kehl destacava a importância do

afligiam a nação ver, entre outros, LIMA, Nisia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, pp. 23-40.

¹⁴ KEHL, Renato. “O primeiro movimento eugenista”. *Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 maio 1921 (Recorte avulso - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

conhecimento eugênico para o aperfeiçoamento moral e físico da espécie humana, as questões relacionadas à hereditariedade, descendência, evolução e a “todos os assuntos que se refere à ciência nova, que Galton denominou eugenia”. Por outro lado, o jovem eugenista procurava dar legitimidade e coerência ao seu interesse em organizar um movimento em prol da eugenia no Brasil, enfatizando as conquistas do movimento eugenista mundial. Segundo ele, “numerosas sociedades eugênicas fundadas na Europa e nos Estados Unidos para combater o álcool, a sífilis, a tuberculose e todos os demais fatores disgênicos, vão aí cooperando enormemente para o aperfeiçoamento das raças humanas”.¹⁵

A sessão inaugural da Sociedade aconteceu no dia 15 de janeiro de 1918, na qual compareceram mais de uma centena de médicos, jornalistas, juristas, literatos e autoridades políticas, curiosos por ouvir o que essa “nova ciência” poderia oferecer como mecanismo para melhorar o vigor físico e intelectual do “homem brasileiro”¹⁶. A sessão foi aberta por Renato Kehl (secretário geral da Sociedade) que, ressaltando a importância da classe médica brasileira no processo de reforma nacional, convocava todos os presentes para auxiliarem na campanha de divulgação e na promoção das práticas eugênicas. Conforme destacava ele, o estudo e a aplicação do conhecimento eugênico seria o meio mais rápido e eficiente para “moldar o plástico organismo humano”, protegendo “as gerações futuras da delinqüência” e encurtando “as arestas da imperfeição”.¹⁷

Os pressupostos eugênicos defendidos por Renato Kehl ganhavam, assim, um caráter profético. Sua concepção ufanista sobre os significados da eugenia não era, contudo,

¹⁵ Essa circular foi transcrita nos *Annaes de Eugenia*, op. cit., 1919, p. 3.

¹⁶ Alguns meses após a sua fundação, a Sociedade Eugênica de São Paulo já contava com mais de 140 membros associados, entre eles cientistas e intelectuais bastante prestigiados no cenário nacional, como Artur Neiva, Vital Brazil, Franco da Rocha, Belisário Penna, Juliano Moreira, Luis Pereira Barreto, Antônio Austregésilo, Souza Lima, Afrânio Peixoto, Fernando de Azevedo, entre outros.

¹⁷ KEHL, Renato. *Annaes de Eugenia*, op. cit., 1919, p. 4.

uma exceção entre os intelectuais brasileiros deste período. A existência de uma tradição científicista, especialmente no campo da medicina, permitia que o discurso divulgado pela ciência fosse assimilado profeticamente como a salvação para os problemas nacionais, se não como uma religião, ao menos como panacéia. Inspirado por esta crença redentora, Kehl chegava a ir ainda mais longe, afirmando, em artigo publicado no final dos anos 1910, que a eugenia “é mais que ciência, é religião, religião da saúde, do corpo e do espírito – a verdadeira religião da humanidade”.¹⁸

Neste sentido, de acordo com esse autor, para que a eugenia pudesse conquistar a merecida vitória e ser vista como a “religião do futuro”, fazia-se necessário ampliar o número de aliados para além das fronteiras do estado de São Paulo. Em sua concepção, a inserção definitiva da eugenia no campo científico brasileiro dependeria da adesão e da legitimidade dada pelas principais autoridades intelectuais e políticas. Seu primeiro passo nesse sentido foi efetuar contatos e estimular a propaganda eugênica também no Rio de Janeiro, onde o pensamento médico e científico já havia conquistado a imprensa diária e parte da opinião pública, especialmente pelos trabalhos que o Instituto de Manguinhos vinha desenvolvendo no campo biomédico e da saúde pública.

O sanitarista Belisário Penna, diretor do recém criado Serviço de Profilaxia Rural e fundador da Liga Pró-Saneamento do Brasil - da qual Renato Kehl fazia parte como membro e representante da classe médica paulista - foi convidado para liderar a propaganda eugênica na Capital Federal. Renato Kehl acreditava que Belisário Penna poderia desempenhar um papel importante entre os intelectuais cariocas, não somente por ser uma autoridade intelectual e política reconhecida, mas especialmente pelas campanhas que ele vinha desenvolvendo em prol da higiene e do saneamento, cujos propósitos, segundo a concepção dos eugenistas brasileiros, em muito se aproximava dos ideais pregados pela eugenia.

¹⁸ KEHL, Renato. “Darwinismo Social e Eugenia”. In: *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 183 [grifo meu].

Ao ser nomeado como presidente honorário da Sociedade Eugênica, Belisário agradeceu, em correspondência remetida a Renato Kehl, pela indicação do seu nome e pelo “voto de louvor” que os eugenistas de São Paulo lhe haviam atribuído. Em suas palavras, atitudes como estas serviam como um “valioso incentivo para não esmorecer nessa cruzada árdua em pról do levantamento da nossa raça, mas de cuja vitória depende a solução de todos os problemas nacionais, para que o nosso querido Brasil tenha o direito de aspirar a um lugar distinto no convívio das nações cultas”.¹⁹

O médico Juliano Moreira, Diretor do Hospital Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, ao receber o convite de Renato Kehl para participar como membro da Sociedade Eugênica, enviou correspondência informando-lhe que também havia criado uma Sociedade Eugênica anexa a Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio de Janeiro, com o objetivo de aplicar o conhecimento eugênico no campo da higiene mental.²⁰ Além de Juliano Moreira, intelectuais como Souza Lima, Antonio Austregésilo, Leonídio Ribeiro, Ernani Lopes, entre outros médicos ligados à psiquiatria e à medicina legal, também assumiram o papel de divulgadores e prosélitos da eugenia na Capital Federal.

Afrânio Peixoto, médico e escritor já muito conhecido por seus trabalhos sobre higiene e medicina legal, também escreveu a Kehl comentando sobre seus interesses científicos por esta “nova ciência”. Segundo Afrânio, seus estudos sobre eugenia vinham sendo desenvolvidos já há alguns anos, por meio dos quais desejava estimular a propaganda e o debate sobre as idéias eugênicas na cidade do Rio de Janeiro. Porém, conforme comunicava ele a Renato Kehl, diferentemente do que acontecia na Sociedade Eugênica de São Paulo, “nosso desejo aqui no Rio é mais modesto, porque apenas fazemos na Sociedade Brasileira de

¹⁹ Correspondência de Belisário Penna a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 15 abr. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

²⁰ Correspondência de Juliano Moreira a Renato Kehl. RJ, s/d 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Psiquiatria e Medicina Legal uma seção de estudos eugênicos um pouco mais ampliados do que os que de alguns anos iniciei e venho acumulando para ulterior publicação”.²¹

Essa estreita relação da eugenia com os pressupostos do pensamento psiquiátrico brasileiro acabaria se intensificando durante os anos 1920 e 1930, sobretudo após a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental, em 1923. De maneira geral, os psiquiatras entendiam que a eugenia apresentava-se como uma ferramenta científica importante para combater as degenerações oriundas das “perturbações mentais”. Por outro lado, a união entre a eugenia e as idéias sanitaristas, quando não a sua inconfundível associação, foi possibilitada pela influência que a convicção neolamarckista da transmissão dos caracteres adquiridos exerceram sobre a classe médica e a intelectualidade brasileira como um todo²².

Um ano após a fundação da Sociedade Eugênica, Renato Kehl ressaltava que um grande número de intelectuais já aderira às propostas da eugenia em prol do aperfeiçoamento da nacionalidade. Aos poucos, argumentava ele nas páginas da imprensa paulista, “se vão arregimentando novos e valorosos companheiros para auxiliar a empreitada dos eugenizadores”.²³ Em sua concepção, a eugenia deveria ser encarada como “a ciência do dia”, pois sua implantação significaria a elevação das “qualidades físicas da população nacional”, além de ensinar “os verdadeiros caminhos da regeneração racial”.²⁴ Convicto

²¹ Correspondência de Afrânio Peixoto a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 15 nov. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

²² Nas palavras da historiadora Nancy Stepan, essa tradição aparecia freqüentemente “matizada de expectativas otimistas de que reformas do ambiente social resultassem em melhoramento permanente” na formação da nacionalidade, tendo em vista que seus pressupostos permitiam pensar na transmissão genética de caracteres adquiridos ao longo da vida (STEPAN, “A hora da eugenia”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 82-83)

²³ KEHL, Renato. “Sociedade Eugênica de São Paulo”. *Jornal do Comercio*. 04 abr. 1919 (Recorte Avulso - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

²⁴ KEHL, Renato. “Eugenia”. *Diário de Barbacena*. Barbacena, 9 out. 1919 (Recorte Avulso - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

de que a eugenia iria ser transformada na “religião de todo bom brasileiro” e que, em breve, conquistaria a simpatia da classe política, decidiu assumir a eugenia como o seu “apostolado”, como a sua verdadeira “missão intelectual”.

Neste sentido, Renato Kehl seguia um comportamento intelectual que já havia se transformado numa tradição entre os “homens letrados” da Primeira República. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko, no início do século XX, jornalistas, literatos, médicos e cientistas desenvolviam a sua atividade intelectual como uma missão política, ou como uma “ação pública”, voltada para a reforma e a transformação efetiva da realidade social e política da nação, como coordenadores do processo de mudança em curso. Os intelectuais brasileiros repensavam o país, segundo Sevcenko, “como se seu olhar estivesse postado no próprio centro de decisões, calculando suas possibilidades, medindo seus limites reais”.²⁵

4. A eugenia como um heterodoxo campo científico

Associando-se aos diversos saberes que formavam o campo científico nacional, a eugenia confundia-se não apenas com a higiene, mas com o próprio pensamento social e político local. De maneira geral, a eugenia poderia ser definida como uma ciência polimorfa, uma forma de conhecimento cuja constituição se processou a partir da relação direta com outros ramos do pensamento científico e social. Como os próprios eugenistas a classificavam, a eugenia se caracterizava como uma “ciência bio-social”, orientada tanto pelo conhecimento biomédico quanto pela sociologia, pedagogia, demografia e a antropologia. Conforme Renato Kehl conceituava no início dos anos 1920, “a eugenia é uma ciência biológica e ao mesmo tempo social”, definindo-se como “uma ciência vasta e que compreende problemas dos mais importantes, biológicos, sociais, políticos, higiênicos e

²⁵ SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 232.

médicos”.²⁶

Desta maneira, como ressalta Nancy Stepan, pode-se lembrar que a eugenia deve ser compreendida como um movimento científico, definido enquanto o conhecimento sobre os fundamentos da genética humana, mas também como um movimento social, uma vez que visava introduzir idéias sociais e políticas que definiam formas de pensamento, tradições, práticas institucionais e projetos políticos.²⁷ Como movimento social e científico, a ciência eugênica apresentava uma grande capacidade para criar conceitos que se popularizaram no início do século XX, como as concepções sobre higiene, genética, raça, controle matrimonial, imigração, nacionalismo e gênero.²⁸ A eugenia foi, em suma, um movimento de idéias que promoveu uma ampla discussão sobre projetos de reforma social e que mobilizou vários setores da sociedade, especialmente os intelectuais e políticos ligados ao discurso médico.²⁹

Tendo em vista a própria característica de organização desse movimento, é possível afirmar que a eugenia se constituiu, no Brasil, como uma ciência pouco “autônoma”, para usar o conceito de Pierre Bourdieu, cuja heteronomia não a permitia escapar das “leis sociais e políticas” exteriores ao campo científico.³⁰ Em outras palavras, como explica o próprio Bourdieu, quanto mais heterônimo for o campo científico, “mais a concorrência é imperfeita e é mais lícito

²⁶ KEHL, Renato. “O papel da Eugenia na restauração das raças”. Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, 1921 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

²⁷ STEPAN, Nancy. “A hora da Eugenia”... op. cit., pp. 9-11.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Para o historiador Mark Adams, a eugenia foi, em várias partes do mundo, um misto de ciência e política, um movimento social que criou uma interface entre as ciências biológicas e a sociedade como um todo, possibilitando o desenvolvimento de pesquisas científicas com sérias implicações éticas, políticas e sociais (ADAMS, Mark. “Eugenics in the history of science”. In: ADAMS, Mark. *The Wellborn Science. Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 03).

³⁰ BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p. 22.

para os agentes intervir forças não-científicas nas lutas científicas”.³¹ Por outro lado, a definição de “campo científico” desenvolvida por Bourdieu, visto como um espaço social de conflitos e de luta por poder e prestígio, permite, em nosso caso, compreender a forma pela qual os eugenistas e instituições científicas construíram uma série de estratégias políticas e científicas que visavam ampliar o “capital simbólico” dos agentes sociais envolvidos neste campo. Além disso, a noção de campo científico possibilita, ainda, localizar as posições diferenciadas, hegemônicas e não-hegemônicas, que os eugenistas, sanitaristas, médicos e educadores procuraram ocupar no interior do movimento eugênico brasileiro.

O movimento operado por Renato Kehl, no sentido de uma maior aproximação em relação aos intelectuais ligados à medicina social brasileira, aliado ao desejo de reconfigurar o debate sobre a nação a partir das idéias eugênicas, indicam o caminho que este intelectual seguiu para ampliar o “capital simbólico” entre seus pares. Inserido neste “campo científico heterônomo”, era na associação com outros campos da ciência, bem como na própria arena da política nacional, que Renato Kehl encontraria “crédito científico” para afirmar sua autoridade e sua posição no interior do movimento eugênico brasileiro. Seu interesse era, portanto, definir-se como liderança no interior do movimento eugênico, capaz de ser reconhecido e prestigiado como um importante cientista. Kehl acreditava que à medida que a eugenia fosse aceita por um maior número de intelectuais, tanto essa ciência quanto ele próprio poderiam “ocupar legitimamente a posição dominante” no pensamento médico brasileiro. Isso lhe permitiria não somente alcançar a “mais alta posição na hierarquia dos valores científicos”, conforme a análise emprestada de Bourdieu³², como também reorganizar os conhecimentos biológicos, médicos e sociais.

³¹ Ibidem, p. 32.

³² BOURDIEU, Pierre. “O Campo Científico”. In: Ortiz, Renato (org.) *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 118.

O caráter polimorfo que a eugenia brasileira adquiriu no final dos anos 1910 e durante os anos 1920, no nosso entender, foi fundamental para apressar sua inserção entre as discussões que formavam esse campo científico brasileiro. Se, por um lado, a eugenia não tinha uma definição canônica sobre o seu espaço de ação exclusivo, por outro, o sucesso de sua recepção dependeu, ao menos inicialmente, dessa sua capacidade camaleônica e maleável de se adaptar aos diferentes projetos e interesses científicos, institucionais, políticos e sociais.

Esse jogo de associações e interdependências científicas que Renato Kehl formulava entre a eugenia e os diversos ramos da “ciência bio-social”, juntamente com a intensa propaganda lançada por este autor no final dos anos 1910, consistia em construir a sua própria identidade intelectual como a liderança do movimento eugênico brasileiro. A percepção do seu nome como o “grande apóstolo” da eugenia possibilitava-lhe conquistar reconhecimento, status social e maior visibilidade no meio científico e político nacional. Apropriando-se desse “capital simbólico” - definido por Pierre Bourdieu como uma forma de propriedade reconhecida pelos agentes sociais como carregada de valor e efeitos simbólicos³³ - Renato Kehl buscava afirmar o seu espaço de autoridade e a sua posição dominante dentro do campo científico brasileiro.

Por outro lado, além de buscar prestígio intelectual, Renato Kehl almejava angariar o maior número possível de aliados para formar uma rede de poder, se assim podemos chamar, em torno da divulgação da eugenia no cenário nacional. Como forma de legitimar suas concepções e de ampliar o círculo de discussões sobre a “ciência da boa geração”, Kehl procurava inserir as idéias eugênicas não somente no interior das questões científicas nacionais, mas também num espaço de debate que incluísse os eugenistas

³³ BOURDIEU, Pierre. “Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe”. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, pp. 183-202.

latino-americanos. A exemplo do que vinha acontecendo com os movimentos eugênicos mundiais, Renato Kehl acreditava que seria possível estender ainda mais o horizonte das discussões científicas ligadas à eugenia. O objetivo consistiria em ampliar a extensão dessa rede e angariar novos prosélitos para a campanha eugênica, formando o que os eugenistas latino-americanos passaram a denominar de “uma organização continental”.

5. Ampliando a rede para formar “uma organização continental”

No final dos anos 1910, o movimento eugenista latino-americano começava a se organizar em alguns países da região. A fundação das primeiras sociedades eugênicas em 1918, como a Sociedade Eugênica de São Paulo, deu-se, como enfatiza Nancy Stepan, apenas 10 anos após o estabelecimento da primeira sociedade britânica e seis anos após a francesa, o que indicava que os cientistas da América Latina estavam afinados com o desenvolvimento da eugenia na Europa. No entanto, estrutural e socialmente “as origens dos movimentos eugênicos tinham menos relação com os acontecimentos europeus do que com fatores latino-americanos”.³⁴

Neste sentido, devido às preocupações intelectuais e políticas que aproximavam os países da América Latina, sobretudo os problemas relacionados à saúde pública e à composição racial, alguns eugenistas começaram a discutir a criação de um movimento eugênico que pudesse reunir o interesse de vários países da região. Na liderança desse movimento regional encontrava-se o eugenista Renato Kehl, representado institucionalmente pela Sociedade Eugênica de São Paulo. Em seu ponto de vista, apesar das inúmeras dificuldades, “para a eugenia vicejar na América do Sul” precisava apenas ser controlada e desenvolvida por esforços de “homens competentes”, tal qual fizeram os eugenistas

³⁴ STEPAN, Nancy. “A hora da Eugenia”... op. cit., 2005, p. 45.

norte-americanos e europeus, como Davenport, Ploetz, March e Houssay.³⁵

Sua primeira ação, neste sentido, foi manter estreita correspondência com os eugenistas Victor Delfino, da Argentina, e com peruano Carlos Henrique de Paz Soldan, ambos nomeados como membros honorários da Sociedade Eugênica de São Paulo e com os quais Kehl almejava formar uma frente para divulgar a eugenia na região. Renato Kehl procurou, ainda, manter contatos com intelectuais e cientistas de outros países da América Latina, como no Paraguai, Chile, Cuba e México, que também tinham interesses em participar de um movimento eugenista mais amplo.

O médico e eugenista Victor Delfino, diretor do Diário *La República*, de Buenos Aires, fazia sua propaganda eugênica desde 1912, quando participou do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em Londres. Assim como Renato Kehl, Delfino dedicou sua atividade intelectual às discussões e à propaganda relacionada a eugenia e a medicina social. Seu objetivo era organizar, ao lado do higienista Alfredo Verano, o movimento eugênico em seu país, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, quando a preocupação dos intelectuais argentinos voltava-se para as discussões sobre o progresso da nação, a formação racial, a imigração, as reformas sociais e a constituição da identidade nacional.³⁶ A grande preocupação que emergia dos pronunciamentos de Delfino, cujas concepções refletiam idéias conservadoras e racistas, dizia respeito à necessidade de purificação nacional e, acima de tudo, de controle referente à entrada de imigrantes no país.³⁷

Com o incentivo de Renato Kehl e da Sociedade Eugênica de São Paulo, Victor Delfino - que considerava o

³⁵ KEHL, Renato. "As Associações Eugênicas". *Diário Popular*. São Paulo, 5 abr. 1919 (recorte avulso - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

³⁶ Para uma compreensão mais completa sobre o movimento eugenista na Argentina ver STEPAN, Nancy. "A hora da eugenia"... op. cit., 2005; NARI, Marcela M. A. "La Eugenesia em Argentina, 1890-1940". México. *Revista Quiju*, vol. 12, n° 3, set./dez. de 1999, pp. 275-304.

³⁷ STEPAN, Nancy. "A hora da Eugenia"... op. cit., 2005, p. 65.

eugenista brasileiro como o “herói da grande jornada em prol do aperfeiçoamento físico e moral da nossa raça”³⁸ - fundou a Sociedade Eugênica Argentina, em março de 1918. O objetivo principal desta organização era o mesmo estabelecido pela congênere brasileira, criada dois meses antes: divulgar os princípios da eugenia entre o público nacional e cooperar nos projetos de regeneração da população local. Em artigo publicado no *La República*, e transcrito na Revista *La Semana Médica*, ambas de Buenos Aires, Renato Kehl saudava a “patriótica iniciativa” de Victor Delfino em prol da eugenia, desejando que a Sociedade Argentina se transformasse num “paradigma a ser imitado pelos países irmãos do continente sul-americano”.³⁹

Na cidade de Lima, no Peru, o eugenista e sanitarista Carlos Henrique de Paz Soldan, diretor dos serviços sanitários da capital peruana e editor da Revista *La Reforma Médica*, também vinha mobilizando não apenas os intelectuais do seu país, como da Venezuela e da Colômbia, para aderirem à causa da propaganda eugênica. Diante do “cataclisma” constituído pela guerra na Europa - referindo-se aos problemas sociais criados pela Primeira Guerra Mundial - Paz Soldan acreditava que a previsão mais elementar aconselhava “eugenizar a própria raça”, “o único capital saneado com que contamos” na América Latina. Segundo ele, os estudos da eugenia e a proteção racial seriam os meios mais eficientes e rápidos que as “democracias americanas” teriam para “realizar e prevenir” seus próprios destinos.⁴⁰

Segundo Nancy Stepan, as atividades eugênicas criadas em outros países das nações latino-americanas, apesar das variações sociais e políticas, seguiram o padrão do movimento eugênico brasileiro. Na maioria dos casos, as campanhas eugênicas eram lideradas por médicos obstetras, pediatras, sanitaristas e higienistas mentais, “e seus

³⁸ Correspondência de Victor Delfino a Renato Kehl. Buenos Aires, 18 mar. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

³⁹ KEHL, Renato. “Darwinismo social e eugenia”. *Annaes de Eugenia...* op. cit., 1919 [1918], p. 183).

⁴⁰ Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, 09 ago. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

objetivos eram divulgar e aplicar a nova ciência da eugenia, mais do que realizar pesquisa sobre hereditariedade e saúde”.⁴¹ A propaganda eugênica serviria, ao menos nos primeiros anos de divulgação, muito mais para inserir o discurso da eugenia no campo científico e intelectual de seus referidos países, do que propriamente para aplicar suas concepções médicas, sociais e políticas. Era necessário tornar a eugenia uma doutrina popular para só depois vê-la transformada em projeto, leis e manuais escolares.

Neste período, os eugenistas latino-americanos procuravam manter correspondência freqüente, especialmente entre Renato Kehl, Victor Delfino, Paz Soldan e Alfredo Verano, através das quais dialogavam sobre suas produções científicas e sobre o desejo de ampliar o movimento eugênico. Seus contatos intelectuais nos permitem decifrar, ainda, a formação de uma rede que visava estabelecer um espaço de discussões e divulgação da eugenia em vários países da América Latina. Através desta rede, estes eugenistas conseguiam reforçar e dar legitimidade a esse campo científico, pelo qual procuravam alcançar autoridade, prestígio e reconhecimento social. Além disso, esse diálogo possibilitava-lhes ampliar também seus laços de identidade, estimulando a produção científica e atribuindo sentido aos seus ideais, que eram tanto intelectuais quanto políticos. Como confidenciava Paz Soldan, em correspondência remetida a Renato Kehl, o crescimento da amizade e da relação intelectual entre eles transformava-se num estímulo que os unia ainda mais, servindo “como uma prova de identidade de propósitos, como a inevitável camaradagem que se produz entre homens e almas que vivem entregues ao mesmo ideal. O nosso, o da redenção biosocial da raça, é daqueles que forçosamente exigem a união mais estreita possível entre seus divulgadores”⁴².

Para estes intelectuais, o futuro da eugenia na América Latina dependeria exatamente da ampliação desta

⁴¹ STEPAN, Nancy. *“A hora da eugenia”...* op. cit., 2005, p. 61-62.

⁴² Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, Peru, 11 abr. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

estreita “identidade de propósitos”. Conforme correspondência remetida a Renato Kehl, Paz Soldan sugeria ao eugenista brasileiro que começassem a pensar na possibilidade de “fundar uma organização continental sobre eugenia”, que poderia partir da Sociedade Eugênica de São Paulo, e cujo objetivo consistiria em

(...) empreender uma propaganda harmônica e simultânea em todos os países da América do Sul, desabitado em grandes extensões e com problemas raciais de uma dificuldade e complexidade desconcertante. Se poderia fixar previamente como base de organização, a investigação e definição dos principais problemas eugênicos que tem por resolver os países do Sul da América, tratando depois de estudá-los em comum e divulgar as soluções correspondente em uma revista que se fundará com este objetivo, com base no apoio das instituições e poderes públicos.⁴³

O eugenista peruano definia, assim, até mesmo as diretrizes que deveriam mobilizar o futuro movimento eugenista na América Latina. Além de “uma propaganda harmônica e simultânea”, os eugenistas deveriam colocar em curso a “redenção biosocial da raça”, investigar os problemas eugênicos em conjunto, estudar as soluções em comum e divulgá-las através de uma revista especializada que, então, seria fundada e distribuída entre todos os eugenistas latino-americanos. Na concepção de Paz Soldan, com a ampliação e a institucionalização desta rede, e com base no apoio dos poderes públicos, a “eugenização da América” poderia tornar-se uma realidade.

Semanas depois, a fim de propagar estas idéias, Paz Soldan comunicava a Renato Kehl que iria iniciar a sua campanha na Academia de Medicina de Caracas, na Venezuela, onde pretendia fazer uma palestra sobre a “Eugenização da América”. Através desta conferência, o eugenista peruano almejava convocar novos prosélitos que quisessem “encabeçar um movimento americano sobre esta

⁴³ Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, Peru, 02 mar. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

matéria”. Nesta mesma correspondência, Paz Soldan informava que no próximo número da *La Reforma Médica*, “me ocuparei do movimento eugênico atual na América e mandarei transcrever sua bela e contundente réplica a Forns, documento que está à altura de suas convicções e que é uma apologia sincera e convincente da Eugenia”, referindo-se a um artigo publicado por Renato Kehl naquele mesmo ano.⁴⁴

Apesar do empenho realizado no final dos anos 1910, estes eugenistas não conseguiram criar, naquele momento, uma “sociedade continental de eugenia”, como era o objetivo de Renato Kehl, Paz Soldan e Victor Delfino. No entanto, durante os anos 1920 e 1930, agora com um número maior de eugenistas espalhados por vários países da região, especialmente no Brasil, Argentina, México, Peru e Cuba, as campanhas iniciadas no final dos anos 1910 se intensificaram no sentido de ver realizados tais objetivos. Esse novo fôlego que a eugenia recebeu, sobretudo no final dos anos 1920, conduziu à fundação de inúmeras associações científicas e o alargamento das discussões sobre a criação de um movimento eugenista integrado.⁴⁵ Em 1927, seria realizada a Primeira Conferência Pan-Americana de Eugenia, onde se discutiu a criação de um Código Pan-Americano de Eugenia. A segunda conferência aconteceria em Buenos Aires, em 1934, com um expressivo número de participantes vindo de diferentes países da região.⁴⁶

6. Brasil, uma nação doente

A propaganda eugênica realizada por Renato Kehl possibilitou-lhe, como comentamos anteriormente, construir uma rede de contatos com importantes intelectuais brasileiros e latino-americanos, o que teria atribuído autoridade científica aos projetos e as idéias vindas da ciência

⁴⁴ Correspondência de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, 11 abr. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

⁴⁵ STEPAN, Nancy. “A hora da Eugenia”... op. cit., 2005, p. 197-203.

⁴⁶ Ibidem, p. 67.

eugênica. No final dos anos 1910, o prestígio intelectual e o reconhecimento de sua identidade como a principal liderança no movimento eugênico brasileiro lhe rendeu a nomeação do governo Epitácio Pessoa para atuar junto à Comissão Médica incumbida dos serviços de profilaxia rural do Distrito Federal.⁴⁷

Neste período, passou a escrever periodicamente para a Revista *Chácaras e Quintais*, numa sessão intitulada “Higiene Rural”. Seus artigos, publicados mensalmente, eram em sua maioria orientações sanitárias e higiênicas voltadas para o homem do campo ou, então, comentários sobre os males causados pelas endemias rurais que freqüentemente acometiam os moradores das áreas rurais. Nesta mesma revista, respondia as dúvidas dos assinantes sobre os mais variados assuntos médicos relacionados à saúde da família, ao bem estar individual, à higiene e aos cuidados sanitários em geral. Segundo Renato Kehl, era preciso “despertar a consciência” dos lavradores, ainda “desleixados”, para o papel que estes poderiam exercer em prol da campanha pelo saneamento e pela sua própria saúde e vigor físico. Em suas palavras, os colonos brasileiros são como “crianças grandes”, “ignorantes” que, por falta de instrução e “habituaados que estão à vida da miséria e da sujeira”, desconhecem os princípios básicos da higiene, o que justificaria o fato de “serem fracas presas dos micróbios”.⁴⁸

Um mês depois de sua entrada no *Serviço de Profilaxia Rural*, Kehl foi designado por Belisário Penna para exercer as funções de chefe do posto de profilaxia na região da Baixada Fluminense. Neste local, com o auxílio dos médicos José A. Rodrigues, Gastão Figueiredo, Nicanor B. Gonçalves e Alberto M. Vaissié, de um escriturário e de mais oito operários, dirigiu, durante dez meses, trabalhos de atendimento médico, execução de obras sanitárias e campanhas de

⁴⁷ “Memorial do Dr. Renato Kehl”. *Academia Brasileira de Medicina*. Rio de Janeiro, 1932 (Folheto avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

⁴⁸ KEHL, Renato. “Saneamento Rural”. *Revista Chácaras e Quintaes*, vol. 18, n° 03, set. 1918, p. 209.

educação e combate às principais endemias rurais. Devido a sua preocupação com o valor eugênico dos moradores destas vilas, Renato Kehl e os médicos auxiliares fizeram um amplo trabalho de coleta de dados antropométricos em mais de duas mil pessoas, cujo relatório foi encaminhado às autoridades públicas com o objetivo de esclarecê-los sobre as condições de saúde desta população⁴⁹. Conforme explicava neste relatório, “os dados colhidos demonstram claramente a fraqueza orgânica dessa gente, cuja indolência não tem outra explicação senão a anemia, a intoxicação e a miséria como consequência final”. Da situação eugênica e sanitária deste povo, continuava ele,

está perfeitamente informado o nosso governo, que em boa hora, vai iniciar a campanha intensa de saneamento, pois, *sanear corresponde praticar a eugenia denominada preventiva*, cujos fins são as defesas da raça contra todos os fatores de degeneração, sejam eles mórbidos (tuberculose, sífilis, impaludismo, verminoses, etc), sejam eles os venenos sociais. *É por isso que a eugenia preventiva corresponde à medicina social.*⁵⁰

O texto acima revela os pressupostos médicos que orientavam o pensamento eugênico de Renato Kehl no início dos anos 1920. Para ele, tal qual a compreensão da maioria dos eugenistas brasileiros e latino-americanos, sanear, higienizar e eugenizar se confundiam em suas finalidades, tendo como origem o mesmo conhecimento: a medicina social. Neste período, as concepções sanitaristas e eugênicas foram conjugadas, no bojo de um projeto político de redenção da população nacional, a partir do conhecimento médico voltado para as reformas sociais mais amplas, que visavam

⁴⁹ O relatório completo desses serviços encontram-se no Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC (relatório datilografado). Um resumo com comentários e dados sobre este relatório pode ser encontrado em KEHL, Renato. *Povo são e povo doente*. Rio de Janeiro. Editora Revista do Brasil, 1920.

⁵⁰ KEHL, Renato. “Os problemas da Regeneração das Raças”. *Jornal A Noite*. Rio de Janeiro, 03 jul. 1920 (Recorte avulso - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC) [grifo meu].

organizar e ordenar os comportamentos e os hábitos de vida da sociedade brasileira.

Nos primeiros anos da década de 1920, Renato Kehl procurou consolidar essa aproximação em relação aos médicos, sanitaristas e higienistas associados aos serviços sanitários e a Liga Pró-Saneamento do Brasil. Em conferência realizada no Colégio Militar da cidade de Barbacena, interior do Estado de Minas Gerais, Renato Kehl destacava que “o programa traçado pela Eugenia é, pois, racional e executável”, enfatizando que “o seu ponto de partida” deveria iniciar com o saneamento. Em suas palavras, “os eugenistas para alcançarem os seus desígnios têm de se iniciar com Belisario Penna, (...) tem de com ele seguir a via-sacra da higienização”.⁵¹

Em certa medida, é possível dizer que o contato intelectual que Renato Kehl executou em direção aos sanitaristas, especialmente com Belisário Penna, relacionava-se aos seus interesses profissionais e políticos. Como o discurso em prol do saneamento e dos serviços sanitários da Capital Federal estavam bem estabelecidos entre as autoridades públicas – sendo, inclusive, subvencionados pelo governo - Renato Kehl buscava encontrar o seu espaço de legitimidade também no interior do movimento sanitarista. Por outro lado, tendo em vista sua mudança da cidade de São Paulo para o Rio de Janeiro, Renato Kehl pretendia conquistar a simpatia desse movimento em prol das idéias e da propaganda eugênica também na Capital Federal. Isso lhe possibilitaria ampliar a rede de aliados que constituiriam o movimento eugênico nacional, especialmente a partir do início dos anos 1920, quando o estímulo em torno da Sociedade Eugênica de São Paulo vinha perdendo forças.

Deste modo, é necessário pensar estas práticas sociais empregadas por Renato Kehl - que são ao mesmo tempo políticas e intelectuais - não como interesses deliberados ou intencionalidades voluntaristas. Ao contrário, devem ser

⁵¹ KEHL, Renato. “Eugenia”. *Diário de Barbacena*. op. cit. 1919, s/p.

compreendidas como práticas ou estratégias que constituíam as relações de poder e de lutas concorrenciais neste campo, pelas quais estes intelectuais, enquanto agentes sociais, buscavam legitimar suas concepções e seu espaço de atuação. Entendo que este conjunto de práticas, atitudes, comportamentos e pensamentos, que Pierre Bourdieu chama de *habitus*, deve ser visto, antes de tudo, como um sistema simbólico e de representações que organizam e estruturam o modo como os agentes de determinado campo agem e se comunicam com outros agentes sociais.⁵²

Com o intuito de reafirmar essas relações e de alargar as discussões sobre eugenia, higiene e saneamento, Renato Kehl publicou, em 1920, o seu primeiro livro diretamente relacionado aos estudos eugênicos.⁵³ Intitulada *Eugenia e Medicina Social*, a obra trazia como apresentação um prefácio escrito por Belisário Penna, que, saudando os esforços do “jovem eugenista”, destacava a importância deste livro para “preencher uma lacuna sensível no nosso meio intelectual”, ainda “um pouco alheio” a essa ciência.⁵⁴ Nas palavras de Belisário, o autor dessa obra “presta relevantes serviços ao nosso país, que, novo ainda, pode e deve moldar a sua raça, ainda não definida, nos sábios e salutares princípios da ciência de Galton”.⁵⁵

Belisário Penna era bastante simpático à idéia de uma eugenia orientada por reformas ambientalistas, ao estilo neolamarckista, capaz de contribuir para o aperfeiçoamento hereditário da população nacional. Em sua obra “Exército e Saneamento”,⁵⁶ publicado a partir de uma série de conferências realizadas no Clube Militar do Rio de Janeiro, já apareciam indicações de seu interesse pelos pressupostos

⁵² BOURDIEU, Pierre. “Campo de poder...”. op. cit., 2001, pp. 183-202.

⁵³ KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1920.

⁵⁴ PENNA, Belisário. “Prefácio”. In: KEHL, Renato. *Ibidem*, p. III.

⁵⁵ *Ibidem*, p. IV.

⁵⁶ PENNA, Belisário. *Exército e Saneamento*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes. 1920.

eugênicos, expostos naquele momento através de suas concepções sanitaristas. A eugenia, em suas palavras, deveria ser vista como “uma ciência vasta, que abrange problemas sociais dos mais importantes”, sendo acompanhada de perto pela higiene, “sua precursora no aperfeiçoamento da humanidade”.⁵⁷

O desejo de Renato Kehl, conforme explicitava logo na introdução de “Eugenia e Medicina Social”, era que seu livro pudesse, por um lado, “disseminar preceitos eugênicos e médicos-sociais” entre o público leitor e, por outro, que conseguisse “aliciar mais adeptos para as fileiras dos prosélitos da campanha nobilitante da regeneração das raças”.⁵⁸ Neste sentido, o próprio prefácio preparado por Belisário Penna, assim como a ênfase que o autor atribuía à associação entre a eugenia e a medicina social, serviram como “argumentos de força” para que o livro conquistasse a opinião favorável às idéias e aos projetos eugênicos. Parte da intelectualidade brasileira, sobretudo os médicos e higienistas do Rio de Janeiro, viam com bons olhos um modelo de eugenia que contemplava a intervenção médica nos assuntos relacionados às reformas de cunho ambientalista e social.

De acordo com Renato Kehl, a eugenia, saneamento e medicina social apresentavam-se como instrumentos fundamentais através dos quais se poderia salvar o futuro racial da nação. Para ele, as grandes endemias que assolavam o país tornavam “a população brasileira mirrada, doentia, anêmica e feia”. Em artigo publicado no jornal *A Noite*, Kehl argumentava:

Como está mais que provado a higidez no nosso país é quase um mito, para usar da expressão do inolvidável Oswaldo Cruz (...). Podemos dizer, sem medo de controvérsias, que o Brasil é constituído, na sua quase totalidade, de gente doente ou em franca degeneração. Esse grito de alarme levantado pelo professor Miguel Pereira, Belisário Penna e

⁵⁷ PENNA, Belisário. “Prefácio”. op. cit., 1920, p. IV.

⁵⁸ KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. op. cit., 1920, p. VII.

outros em prol do saneamento do nosso 'hinterland' não significa o sertão de Goiás, nem o de Mato Grosso. É quase todo o Brasil, a começar pelos subúrbios dessa capital⁵⁹.

Assim, fazendo coro com os principais médicos e sanitaristas brasileiros do início do século XX, Renato Kehl anunciava a doença e o abandono como os principais problemas nacionais. Em suas palavras, em comparação com a população argentina, americana, inglesa e alemã, o “nosso povo” “são como hastes ao sabor do vento”.⁶⁰ Felizmente, argumentava ele, com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, fundado no início de 1920, “começa-se pelo saneamento a praticar seriamente a eugeniação da nossa terra”.⁶¹ Neste período, quando os projetos de saúde pública passaram a conquistar uma visibilidade maior no cenário político nacional, Kehl anunciava que o apoio do governo à causa eugênica e sanitária levaria ao imediato patrocínio do poder público à campanha eugênica:

O benemérito Sr. Presidente da República [Epitácio Pessoa], prometeu em sua mensagem última tratar do assunto [eugenia], tendo sido assegurado um decreto de saneamento rural, cuja feliz oportunidade despertou o aplauso geral da nação. *A campanha eugênica começa a ser patrocinada pelos poderes públicos do Brasil*⁶².

No entanto, apesar do otimismo impresso nas palavras de Renato Kehl, é preciso relativizar seu argumentos ufanistas. Como lembrava o sanitarista Belisário Penna, a eugenia precisava ser divulgada com persistência, já que se constituía como uma ciência ainda pouco conhecida entre os intelectuais brasileiros.⁶³ Em 1921, a despeito dos pronunciamentos elogiosos que Renato Kehl dirigia ao governo nacional, o jornal *Correio da Manhã* destacava a falta de empenho do governo para financiar a viagem de pelo menos

⁵⁹ KEHL, Renato. “Os problemas da Degeneração das Raças”. op. cit., 1920.

⁶⁰ KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. op. cit., 1920, p. 220.

⁶¹ Ibidem, p. 121.

⁶² Ibidem, p. 20 [grifo meu].

⁶³ PENNA, Belisário. “Prefácio”. op. cit., 1920, p. IV.

um cientista para representar o Brasil durante o Segundo Congresso Internacional de Eugenia, que seria realizado na cidade de Nova York. De acordo com a crítica levantada através das páginas deste jornal, todos os principais países ocidentais se farão representar, inclusive os vizinhos latino-americanos, enquanto o Brasil, “que foi chamado alhures o grande doente da América do Sul”, não se fará presente.⁶⁴

De qualquer modo, no início dos anos 1920 os discursos e as políticas sanitaristas e eugênicas vinham recebendo gradativamente maior atenção junto às autoridades intelectuais e políticas do país, especialmente devido à crença no poder progressista e modernizante que estas idéias científicas traziam impressas. No ponto de vista de Renato Kehl, aquele parecia ser um momento oportuno para ampliar as discussões sobre a importância que as práticas eugênicas, enquanto projeto de engenharia social, poderiam apresentar como alternativas para melhorar o futuro “somático” e moral da nacionalidade.

Na onda de otimismo que os anos 1920 prometiam para as autoridades ligadas à saúde pública, Renato Kehl passou a sugerir a criação de um “dispensário eugênico” na Capital Federal, capaz de organizar “(...) uma propaganda intensiva no sentido de disseminar conhecimentos no tocante à sífilis, ao álcool, a tuberculose, a higiene em geral, em tudo que diz respeito à proteção sanitária do indivíduo”.⁶⁵ Segundo ele, seria imprescindível pensar definitivamente numa intervenção institucional efetiva sobre o processo de regeneração da população brasileira. Seria preciso, em sua concepção, “fazer a eugenia e não esperar pela seleção natural”.⁶⁶ Como acreditavam os eugenistas neste período, a eugenia deveria se incumbir de racionalizar e, ao mesmo tempo, apressar o lento processo de seleção natural colocado em curso pelas forças da natureza. O dispensário eugênico teria como objetivo tratar os doentes acometidos por diversas

⁶⁴ KEHL, Renato. “O papel da Eugenia na restauração das raças”. op. cit., 1921.

⁶⁵ KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. op. cit., 1920, p. 126.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 147.

enfermidades, especialmente aquelas de caráter hereditário, sendo possível proteger os indivíduos saudáveis e impedir as degenerações que, segundo as concepções dos médicos e higienistas brasileiros, em tão grande número se propagavam pelo território nacional.

Em sua obra *A Cura da Fealdade*, publicada em 1922, Renato Kehl chamava a atenção para o fato de que “parte respeitável da população rural e mesmo urbana, traz impressa, indelevelmente, evidentes sinais de degeneração”.⁶⁷ Em suas palavras, não deve ser visto como impatriotismo, nem mesmo como pessimismo demasiado

(...) pintar com cores vivas a situação lastimável de decadência dos habitantes de certas regiões do Brasil, desde que se afirme, convencido como sempre fiz, que essa situação é perfeitamente remediável. Despertar a atenção pública e governamental, para as causas de atraso e degeneração nacional, não é menosprezar a nossa gente, depreciar a nossa idoneidade física e moral, taxar-nos, como diz Alberto Torres, de povo degenerado e corrompido, em franco estado de abatimento corpóreo e mental. Há muita gente que entende, com falso otimismo, e Alberto Torres era um deles, que ‘não há nada mais falso’ do que dizer-se que a população indígena está seriamente comprometida, pelas doenças endêmicas e epidêmicas. É bastante, porém, inteirar-se, com um pouco de atenção e cuidado, de pareceres de cientistas nacionais e estrangeiros, sobre esse assunto, para se convencer, que o povo brasileiro, principalmente o das zonas rurais, está em franca crise de saúde. (...) *Em conseqüência desse estado de morbidez, é que os nacionais são, na quase generalidade, feios, esqueléticos, fracos, minguados, não podendo competir com os estrangeiros que aportam em nossas plagas com saúde e robustez, cheios de vida e de ânimo para o trabalho.*⁶⁸

Contraopondo-se a visão de Alberto Torres - cujo otimismo nacionalismo, nas palavras de Kehl, o impedia de ver com realismo os problemas nacionais - Renato Kehl

⁶⁷ KEHL, Renato. *A Cura da Fealdade*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Co. 1922, p 165.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 166-167 [grifo meu].

entendia que a população degenerava, “minguava”, perante o péssimo estado de saúde e de saneamento em que se encontrava. Nessas “mórbidas” condições de saúde física, lembrava ele, “é natural que o povo brasileiro, na sua generalidade, seja fraco, inativo e esteja mergulhado na apatia, a braços com a preguiça”.⁶⁹ A própria tristeza que, segundo esse autor, caracterizava a personalidade do “povo brasileiro”, era consequência tanto da herança racial, sobretudo da “raça lusitana”, quanto da doença que afligia diariamente milhares de brasileiros.⁷⁰

Fazendo coro com os discursos do movimento sanitário, Kehl entendia que o estado “disgênico” da população devia-se, acima de tudo, à “crise no estado de saúde”. A “inferioridade física do homem nacional”, em comparação com os “tipos estrangeiros”, seria responsável pelo atraso econômico e pela “falta de iniciativa”, “constância” e “disciplina”, características primordiais para os empreendimentos que poderiam levar ao progresso econômico da nação⁷¹. No entanto, destacava esse eugenista, o “caboclo degenerado” - que na literatura brasileira havia sido nomeado de “Jeca Tatu” - fora criado pela doença, pela falta de instrução e pelo abandono. A “caricatura grotesca do brasileiro cacogenizado”, ressaltava ele, poderá desaparecer do cenário brasileiro, dando lugar a um tipo de “homem forte, robusto e perfeito”, desde que as medidas eugênicas necessárias fossem urgentemente colocadas em práticas pelo governo, assumidas como prioridades nacionais. Esse autor acreditava que através das reformas sanitárias, da aplicação das concepções eugênicas e da instrução popular, poderia se operar no Brasil “o milagre da regeneração nacional”.⁷²

7. A educação higiênica e a regeneração nacional

Em dezembro de 1920, um mês após o seu casamento com Eunice Penna, filha de Belisário Penna, Renato Kehl

⁶⁹ Ibidem, p. 168.

⁷⁰ KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. op. cit., p. 107.

⁷¹ KEHL, Renato. *A cura da fealdade*. op. cit., 1922, pp. 167-168.

⁷² Ibidem, p. 166.

recebeu o convite de Eduardo Rabello, então Diretor da Inspetoria da Lepre e das Doenças Venéreas, para organizar o serviço de propaganda e educação higiênica da referida inspetoria. Durante sua passagem pelo Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), Renato Kehl foi responsável, sobretudo, pelos serviços de educação e propaganda higiênica e antivenérea, bem como das atividades educativas em prol do saneamento e da profilaxia rural. Além das campanhas realizadas através da imprensa, foi incumbido de organizar conferências públicas, elaborar boletins, folhetos e cartazes educativos que orientassem a população quanto aos preceitos da higiene e do saneamento. Em 1922, foi indicado também para organizar o Museu de Higiene, apresentado pelo DNSP durante a Exposição Nacional realizada em comemoração ao centenário de independência.⁷³

Como acontecia com a maioria dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas do século XX, Kehl procurou abrigo profissional junto ao serviço público federal. Com a fundação do DNSP, o governo de Epitácio Pessoa esforçou-se para acomodar no interior do sistema burocrático os interesses políticos de muitos dos médicos, sanitaristas, higienistas e educadores, especialmente a elite intelectual que apresentava maior poder de influência no cenário ideológico nacional. Em grande medida, conforme ressalta Lucia Lippi de Oliveria, independente da origem de classe e da formação profissional, os intelectuais brasileiros, principalmente durante a República Velha, procuravam pensar os problemas da nação e difundir suas propostas mediante aspirações nacionais e políticas governamentais.⁷⁴

No DNSP, além da proximidade que manteve com Belisário Penna, Kehl contou também com a influência direta de Eduardo Rabello, que, como médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, havia dedicado sua carreira aos estudos relacionados à dermatologia e a sifilografia. A

⁷³ “Memorial do Dr. Renato Kehl”. op. cit., 1932.

⁷⁴ OLIVEIRA, Lucia Lippi de. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p. 187.

trajetória de Rabelo sempre esteve ligada à educação higiênica preventiva, especialmente nas campanhas profiláticas empreendidas pelo DNSP para combater a sífilis e outras doenças venéreas. Para esse médico, conforme explica Sérgio Carrara, a propaganda educativa e persuasiva teria como objetivo “promover a vigilância sanitária e a chamada ‘cura profilática’, ou seja, a neutralização, nos doentes, do poder contagiante da doença”.⁷⁵

Parte do projeto eugênico idealizado por Renato Kehl pode ser colocado em prática através das funções que exerceu no DNSP. Em 1921, em conferência realizada na Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, organizada pela Inspetoria da Lepre e das Doenças Venéreas, Kehl alertava o público sobre o “perigo sombrio” que as doenças venéreas representavam para o futuro da raça.⁷⁶ Em tom de alarde, dizia que as doenças venéreas, sobretudo a sífilis, constituíam-se num “grande perigo nacional”, já que não prejudicariam apenas as “pessoas contaminadas”, mas também as futuras gerações de brasileiros. Como sua ação era “profundamente degeneradora”, a sífilis teria o poder de “destruir completamente uma família, ou degenerar uma raça”. Seus malefícios são tão grandes, explicava ele, “que o combate a essa terrível doença corresponde a uma necessidade de caráter nacional”.⁷⁷

Juntamente com a sífilis, Kehl entendia que o alcoolismo era o segundo principal fator de degeneração do homem brasileiro. Em suas palavras, o alcoolismo era mais que uma doença do corpo humano, “representava uma doença do corpo social”. Poderia ser considerado o verdadeiro “demônio da humanidade”, responsável pelo “horrível flagelo” que manchava a sociedade e o futuro racial da espécie.⁷⁸

⁷⁵ CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, na passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996p. 196.

⁷⁶ KEHL, Renato. *O perigo venéreo*. Rio de Janeiro: Editora do DNSP, 1924 [1921].

⁷⁷ *Ibidem*, p. 9.

⁷⁸ KEHL, Renato. “Os efeitos do alcoolismo”. *Gazeta de Notícias*. 12 mar. 1924 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Visto como um problema de cunho eugênico e moral, o álcool era considerado como o principal responsável pelas doenças do sistema nervoso, pela influência esterilizadora das massas, pelas causas das baixas taxas de reprodução e da alta “corrupção hereditária”.

Além do combate à sífilis, ao alcoolismo e das doenças como a lepra, a tuberculose e a ancilostomíase, Renato Kehl compreendia que a educação higiênica e a instrução pública seriam meios eficientes para melhorar a saúde racial da população. Conforme anunciava através da imprensa carioca, a “política salvadora” seria aquela que pudesse “conduzir o seu povo a regeneração física, intelectual, moral, isto é, será a política sanitária, nela compreendida a do combate ao analfabetismo, seguida depois da política eugênica”.⁷⁹ Em artigo publicado em 1923, Kehl destacava que um povo sem saúde e instrução seria “um povo abastardado” que ignoraria os sentimentos cívicos e de nacionalidade. Para ele, “saúde e instrução são dois elos que se interdependem; com a primeira mais facilmente se adquire, como se conserva e se amplia a segunda. Com isso chega-se a conclusão, pura e simples, que o grau de civilização de um povo mede-se pelo grau de saúde e da instrução popular”.⁸⁰

Renato Kehl entendia, portanto, que a identidade do homem brasileiro, sua saúde racial e seu grau de civilidade dependeria da associação entre as idéias eugênicas, as práticas educacionais e as reformas sanitárias, sobretudo das populações do interior. O nível de instrução da população nacional caracterizava-se, de acordo com o modelo de eugenia defendido por ele no início dos anos 1920, como uma ferramenta política essencial não apenas para elevar o grau de civilização de um povo, mas também para aprimorar a saúde e “extinguir as doenças” do meio social, colaborando de maneira valiosa aos esforços da ciência médica.⁸¹

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ KEHL, Renato. “Educação e Instrução”. *Revista Nacional*. Rio de Janeiro, 1923, p. 716 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

⁸¹ KEHL, Renato. “Higiene Rural”. *Revista Saúde Pública*, ago. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

O fim da educação consistiria, deste modo, na preparação completa para a vida, “na cultura do espírito e do corpo, no robustecimento do caráter e na elevação do civismo”. Em sua concepção, os conhecimentos higiênicos precisariam ser difundidos nos lares, nas escolas, entre os operários e trabalhadores rurais, “fazendo-os compreender a importância da higiene e tornando-os obedientes às leis sanitárias”.⁸² Todavia, conforme sugeria em sua coluna semanal no jornal *Gazeta de Notícias*, para que a essa educação fosse eficaz e atingisse os “bons hábitos de saúde”, fazia-se necessário que ela se dirigisse ao “espírito” ainda dócil das crianças. Para esse autor, a educação higiênica deveria iniciar-se desde a tenra idade, criando nas crianças “uma segunda natureza, como que um novo instinto, tornando-as automaticamente praticantes das regras de higiene”.⁸³

Defendendo os princípios da “eugenia preventiva”, Renato Kehl já havia consolidado, por volta da metade da década de 1920, sua autoridade intelectual como o principal representante da eugenia no Brasil. Apesar de poucos intelectuais se auto-nomearem como eugenistas, as idéias e as concepções eugênicas tornavam-se cada vez mais freqüentes na literatura médica e no pensamento social. Assim, tendo em vista a boa receptividade que as idéias eugênicas vinham recebendo entre o “público letrado”, Kehl passou a editar suas obras com maior freqüência. Entre 1922 a 1927, enquanto dividia o seu tempo entre as atividades clínicas e as funções que exercia no DNSP, publicou várias obras diretamente relacionadas aos estudos sobre eugenia, higiene e educação sexual.⁸⁴ Até meados dos anos 1920, seus trabalhos definiam-se, cada vez mais, como manuais de

⁸² Ibidem.

⁸³ KEHL, Renato. “O ensino da higiene nas escolas primárias”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 jul. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

⁸⁴ Dentre estas obras, destacam-se: “A Cura da Fealdade” (1922), “Como Escolher um bom Marido” (1923), “Fada Hygia” (1923), “Como Escolher uma Boa Esposa” (1924), a “Bíblia da Saúde” (1926) e “Formulário de Beleza” (1927).

propaganda e de preceitos eugênicos, com ênfase para as orientações morais, higiênicas e médico-sociais.

Em 1923, Renato Kehl publicou a obra “Fada Hygia”, considerado o primeiro livro sobre educação higiênica e moral dirigido às crianças. Essa “cartilha de higiene”, como ficou conhecida posteriormente, foi adotada a partir de 1924 como material didático para o ensino de higiene em escolas públicas de vários estados brasileiros, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Segundo este autor, a higiene deveria ser considerada a disciplina mais importante nas escolas primárias, pois ensinaria as crianças a preservar e defender a saúde, “melhorando e preparando a constituição física em evolução”.⁸⁵

Através da imprensa carioca, Renato Kehl argumentava, em 1923, que a lastimável situação educacional e de saúde de milhares de crianças brasileiras começava, finalmente, receber a atenção das autoridades públicas. Em suas palavras, após os clamores e os esforços da imprensa e de propagandistas, “parece que há intuito de iniciar no país a benemérita campanha em prol dos entesinhos que serão os futuros defensores da nossa soberania”. Para que essas campanhas tivessem sucesso, destacava Kehl, todos os “brasileiros cultos” deveriam auxiliar nos serviços de assistência à infância: das autoridades políticas é necessário o trabalho de saneamento e combate às endemias; dos médicos “dependem os esforços para a assistência clínica aos pequeninos doentes”; das mães “depende o cuidado inteligente aos filhos”; dos mestres “os serviços de ministrar às crianças os conselhos de bem viver, de acordo com as exigências do organismo e do meio”.⁸⁶

Em 1926, Renato Kehl publicou *Bíblia da Saúde*, outra obra contendo “preceitos educativos” sobre higiene, eugenia e moral. Como o próprio título sugeria, o autor desejava que sua obra se transformasse num livro sagrado sobre lições de

⁸⁵ KEHL, Renato. *Fada Hygia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

⁸⁶ KEHL, Renato. “A Infância”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 08 jun 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

saúde⁸⁷. Em suas palavras, era necessário propagar a afirmação “cartesiana” de que cumpria à medicina social a solução dos problemas que mais interessavam “a grandeza e a felicidade dos habitantes deste planeta”, pois somente pela higiene se poderia promover o bem-estar social e moral, além da “evolução somática” e intelectual da humanidade⁸⁸. A higiene deveria ser concebida, conforme a sabedoria antiga, como a “arte vitoriosa” e mais bem aprimorada, pela qual a sociedade poderia conquistar o ideal eugênico da beleza humana e da normalidade física. Em sua concepção, a cura da “anormalidade física”, ou da “fealdade”, não dependeriam de um “fruto espontâneo da natureza”, corresponderiam antes ao estado de morbidez dos indivíduos, à ausência de saúde e dos conhecimentos da eugenia e da higiene.⁸⁹

As obras de Renato Kehl, publicadas até meados dos anos 1920, dirigiram-se também a um extenso programa de educação sexual, saúde materna e infantil e às orientações matrimoniais. Seus livros *Como escolher um bom marido* (1923) e *Como escolher uma boa esposa* (1924), que tiveram uma grande circulação entre o público leitor, eram recheados de conselhos morais sobre a proteção eugênica matrimonial e o papel reprodutivo da mulher. Durante a Primeira Conferência Nacional de Educação, realizada na cidade de Curitiba, em 1927, Kehl chamava a atenção para a importância da orientação sexual como meio de evitar consequências lamentáveis ao futuro moral e reprodutivo da sociedade. Para esse eugenista, em relação à educação sexual, tornava-se indispensável que os pais, médicos e mestres analisassem e disciplinassem todos os hábitos e pensamentos das crianças, adolescentes e jovens, evitando “os perigos resultantes das perversões sexuais” e o “descaso em relação à vida matrimonial e a descendência”.⁹⁰

⁸⁷ KEHL, Renato. *Bíblia de Saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926, p. 10-11.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 11.

⁸⁹ KEHL, Renato. “A cura da fealdade”. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 20, n° 78, jun 1922, p. 179.

⁹⁰ KEHL, Renato. “O problema da educação sexual” (Primeira Conferência Nacional de Educação – 1927). *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, 15 mar.

As campanhas eugênicas de orientação matrimonial desenvolvidas por Renato Kehl dirigiram-se, ainda, à propaganda pela adoção do exame pré-nupcial. Para os eugenistas brasileiros, o “exame dos nubentes” consistiria numa medida fundamental para evitar as degenerações hereditárias, sobretudo àquelas oriundas do álcool, da sífilis e da tuberculose. Os “casamentos disgênicos”, segundo Kehl, seriam responsáveis pela grande maioria dos “natimortos”, das doenças e moléstias degenerativas que assolavam o caráter da população nacional. Nas mãos dos noivos, enfatizava ele, estariam as luzes ou as trevas da “prole futura”.⁹¹ Em suas palavras, o exame médico pré-nupcial, “de valor inestimável para a profilaxia matrimonial” e para o controle dos “bem nascidos”, deveria ser incluída como uma das preocupações máximas da legislação responsável pela regulamentação matrimonial.⁹²

Pelo menos até 1927, apesar de circunstancialmente ter defendido medidas eugênicas mais extremadas, como o controle da natalidade e até mesmo a “esterilização dos grandes criminosos”, as orientações sexuais e matrimoniais defendidas por Renato Kehl incluíam-se numa eugenia mais “suave”, de estilo preventivo. Na década de 1920, conforme explica a historiadora Nancy Stepan, “o interesse eugênico na educação sexual pouco tinha a ver com visões radicais sobre sexualidade ou papéis sexuais. Pelo contrário, a eugenia brasileira vinculava-se estreitamente a uma ideologia conservadora, familiar”.⁹³ Neste sentido, pode-se dizer que os pressupostos que informavam os eugenistas brasileiros estavam, ao menos nos anos 1910 e 1920, muito mais ligados às preocupações higiênicas, sociais e de cunho

1928 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

⁹¹ KEHL, Renato. “O problema do casamento”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 abr. 1923 (recorte avulso – Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

⁹² KEHL, Renato. “A consangüinidade e a surdo-mudez”. *Revista de Higiene e Saúde Pública*. Rio de Janeiro, jun. 1925, p. 15.

⁹³ STEPAN, Nancy. “A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940”. In: HOCHMAN, Gilberto. & ARMUS, Diego (orgs). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p. 352.

moral, do que propriamente com os problemas relacionados à seleção reprodutiva ou às visões racialistas, embora estas não estivessem excluídas do discurso eugênico.

8. Considerações finais

Como procuramos destacar, o modelo de eugenia que predominou no pensamento de Renato Kehl, ao menos entre 1917 a 1927, definiu-se a partir de idéias que se associaram estreitamente aos pressupostos da medicina social. Por um lado, suas concepções ligavam-se a um tipo de “eugenia preventiva”, responsável pela higiene e pela profilaxia das doenças e dos vícios sociais e, por outro, pela “eugenia positiva”, cujas medidas consistiam em fazer a propaganda eugênica e estimular a educação sanitária, sexual e moral dirigida à população. Em linhas gerais, esse modelo de eugenia, ao estilo neolamarckista, agradou boa parte da intelectualidade brasileira porque permitia pensar as reformas sociais e ambientais como primordiais no processo de aperfeiçoamento da nacionalidade.

A íntima associação entre a eugenia e a medicina social definiu a ciência eugênica como uma forma de saber polimorfo, capaz de servir como auxiliar a outros campos das ciências “bio-sociais”. Ao mesmo tempo em que a “ciência eugênica” se submetia aos estatutos científicos oriundos de outros saberes, ela também se sobrepunha a estes, permitindo uma constante mutação de idéias e de práticas científicas e políticas que constituíam seus pressupostos. A apropriação desse modelo de eugenia possibilitou não somente a adesão de um grande número de intelectuais, mas também de autoridades do campo político, sobretudo dos setores que almejavam reformar a sociedade a partir da intervenção sobre a saúde pública e os hábitos sociais da população nacional. Por esse motivo, como principal propagandista da “ciência de Galton”, Renato Kehl acabou angariando legitimidade intelectual, o que lhe possibilitou liderar essa rede de interesses que se formou em torno das idéias eugênicas, conquistando prestígio social entre seus pares e, até mesmo, na arena pública.

Contudo, a partir do final dos anos 1920, o pensamento eugênico de Renato Kehl passaria por um processo de reconfiguração, principalmente após a sua saída do DNSP e de sua viagem ao norte da Europa, quando entrou em contato com o amplo movimento eugênico que vinha se formando nos países nórdicos, sobretudo na Alemanha⁹⁴. Neste período, ao mesmo tempo em que se distanciava dos pressupostos higienistas e ambientalistas que até então tinham moldado suas concepções científicas, passou a defender medidas eugênicas mais radicais, restritivas e autoritárias. Ao invés de uma eugenia ao estilo “preventivo” e “positivo”, que de maneira geral dominava o paradigma eugênico latino-americano, seu projeto assimilava progressivamente os pressupostos da denominada “eugenia negativa”, aproximando-se das discussões que formavam o pensamento eugênico alemão e norte-americano. Suas obras posteriores, como *Lições de Eugenia*, publicada em 1929, e *Aparas Eugênicas - Sexo e Civilização*, de 1933, além de uma série de artigos publicados no *Boletim de Eugenia*, demonstram perfeitamente essa virada em direção ao racismo científico e ao determinismo biológico que o acompanhariam ao longo dos anos 1930.

⁹⁴ Sobre a viagem de Renato Kehl aos países do norte da Europa e a influência dos eugenistas alemães, no projeto eugênico defendido por Renato Kehl, a partir do final dos anos 1920, ver SOUZA, Vanderlei S. *A política biológica ... op. cit.*, 2006.

Referências

- ADAMS, Mark B. "Eugenics in the history of science". In: ____ (org). *The Wellborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 03-08.
- BOURDIEU, Pierre. "O campo científico". In: Ortiz, Renato (org.) *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. pp. 122-155.
- ____. "Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe". In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, pp. 183-202.
- ____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, na passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.
- HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases das políticas de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998.
- KEHL, Renato. "Saneamento Rural". *Revista Chácaras e Quintaes*. São Paulo, vol.18, nº 3, set. 1918.
- ____. "Darwinismo Social e Eugenia". In: *Annaes de Eugenia*. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919 [1917].
- ____. "Conferência de propaganda eugênica". In: *Annaes de Eugenia*. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919 [1917].
- ____. *Povo são e povo doente*. Rio de Janeiro. Editora Revista do Brasil, 1920.
- ____. *Eugenia e Medicina Social*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1920.
- ____. *A cura da fealdade*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Co. 1922.
- ____. *Fada Hygia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.
- ____. *O perigo venéreo*. Rio de Janeiro: Editado pelo DNSP, 1924 [1921].
- ____. *Bíblia de Saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.
- ____. "A eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico". In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 53.
- LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. "Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República". In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, pp. 23-40.
- MELO, Luis. *Dicionário de autores Paulistas*. São Paulo: Editora Irmãos Andrioli, 1954.
- NARI, Marcela M. A. "La Eugenesia em Argentina, 1890-1940". México. *Revista Quipu*, vol. 12, nº 3, set./dez. 1999, pp. 275-304.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi de. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- PENNA, Belisário. "Prefácio". In: KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1920.

- _____. *Exército e Saneamento*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes. 1920.
- SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SOUZA, Vanderlei S. de. *A política biológica como projeto: A “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em História), Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.
- STEPAN, Nancy. “A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940”. In: HOCHMAN, G. & ARMUS, D. (orgs). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio: Editora Fiocruz, 2004, p. 352.
- _____. *“A hora da eugenia”*: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Em nome da raça: a propaganda eugênica e as idéias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920

Vanderlei Sebastião de Souza

Resumo: Este artigo analisa a trajetória intelectual, as idéias e a propaganda eugênica desenvolvida pelo médico e eugenista Renato Kehl, entre os anos 1910 e 1920. Busca-se compreender a formação do campo eugênico e a rede de relações estabelecidas por este personagem como forma de divulgar a eugenia, tanto no Brasil quanto na América Latina. Por outro lado, este artigo trata da íntima associação das concepções eugênicas com a medicina social, destacando a proximidade de Renato Kehl com os intelectuais ligados ao movimento sanitário e aos pressupostos oriundos da “eugenia preventiva”.

Palavras-chave: Renato Kehl; Eugenia; Medicina Social; Nação; Raça.

Abstract: This article analyses the intellectual trajectory, the ideas, and the eugenics propaganda developed by the physician and eugenicist, Renato Kehl, between the 1910's and 1920s. The aim is to understand the development of the eugenics field and the social network established by this figure as a means of publicizing eugenics, in Brazil as well as in Latin America in general. This article analyses also how the concepts of eugenics are closely linked to those of social medicine, calling special attention to Renato Kehl's proximity to intellectuals involved with the sanitarian movement and to the presuppositions originating in “preventative eugenics”.

Key Words: Renato Kehl; Eugenics; Social Medicine; Nation; Race

Artigo recebido para publicação em 23/03/2007

Artigo aprovado para publicação em 21/05/2007